



## O POVO ASTECAS NA VÉSPERA DA CONQUISTA ESPANHOLA POR JACQUES SOUSTELLE<sup>1</sup>

Artemisa Cunha Sobrinha<sup>2</sup>  
Adauto Neto Fonseca Duque<sup>3</sup>

**Resumo:** Jacques Soustelle utilizando documentos da época, muitos deles registros dos próprios Astecas, reconstitui a história do mundo Asteca com todas suas simbologias, desde o esplendor da corte do imperador na capital México-Tenochtitlán até o cotidiano dos Astecas “comuns”. Soustelle atenta para a apresentação da vida Asteca antes da chegada dos espanhóis, ressaltando que um vasto império reunia povos tão diferentes como os das tribos da selva e os das grandes cidades nos planaltos mais elevados, abrangendo grande parte do atual território do México.

**Palavras – Chave:** O povo Asteca, Organização Social, Simbologias.

**Résumé:** Jacques Soustelle documents à l'aide du temps, de nombreux documents des Aztèques eux-mêmes, reconstitue l'histoire du monde aztèque avec tous les symboles de son, de la splendeur de la cour de l'empereur dans la capitale Mexico-Tenochtitlan par les Aztèques de la vie quotidienne "commun". Soustelle attention à la présentation de la vie des Aztèques avant l'arrivée des Espagnols, en notant que d'un vaste empire a rassemblé des personnes aussi diverses que les tribus de la jungle et les grandes villes dans les hauts plateaux, qui couvre une grande partie du territoire actuel du Mexique.

**Mots - clés:** Le peuple aztèque, l'organisation sociale, Symbologies

### INTRODUÇÃO

O presente artigo busca apresentar uma discussão feita por Jacques Soustelle em relação a complexidade do universo Asteca. Soustelle inicia a discussão ressaltando que os Astecas tinham uma incessante atividade guerreira que se traduzia em um desejo de estabelecer relações comerciais vantajosas bem como a necessidade contínua de capturar e sacrificar adversários, cujo sangue fazia com que o sol prosseguisse em seu movimento. Imbatíveis em guerras de conquista, no entanto desconheciam as guerras de

<sup>1</sup> Artigo escrito na monitoria da disciplina História da América I, sob orientação do professor Ms. Adauto Neto Fonseca Duque.

<sup>2</sup> Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

<sup>3</sup> Professor Colaborador na Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.



extermínio como a que causou sua destruição após o desembarque dos espanhóis em 1519.

Jacques Soustelle nasceu na França em 1912 e morreu em 1990. Formou-se em Letras e ocupou o cargo de diretor de pesquisas da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, de Paris. Etnólogo, sob ampla pesquisa especializou em civilização Asteca, sobre a qual publicou diversos trabalhos apresentando e discutindo as formas de vivência, atividades econômicas, símbolos rituais, a praticidade da vida urbana, as relações sócio-culturais com os demais povos que ocupam o espaço da mesoamérica.

Entre as diferentes condições de vivência no mundo Asteca, Soustelle destaca na obra “Os Astecas na véspera da conquista espanhola” a sociedade altamente sofisticada encontrada pelos espanhóis. Define aquela sociedade como herdeira de uma série de civilizações anteriores, cujo legado soube aproveitar. Soustelle mostra que, através de uma liga de cidades autônomas, lideradas por México-Tenochtitlán, os Astecas construíram uma sociedade plural, formada pela soma e convivência de sistemas religiosos, políticos e culturais vivenciados na região da Mesoamérica. A obra celebra e dá novo significado ao mundo dos Astecas, apresentando as intrigas, suas regras de cortesia, as simbologias e o sentido dos sacrifícios humanos. Estas práticas foram visualizadas sob a ótica dos espanhóis como abomináveis e prontas a serem destruídas pelos povos “civilizados”.

O não entendimento das relações estabelecidas entre Astecas e o mundo por eles subjugo justificou processo de conquista e destruição, colocada em prática pelos espanhóis. O sistema de convivência entre os povos do império (A Confederação Asteca) pode ser entendido numa dinâmica de subjugação, conflitos e conquistas, mas os povos se entendiam nessa convivência conflituosa, pois as cidades subjogadas estavam sempre tentando reaver sua posição de livre dos tributos e conscientemente não aceitavam o domínio de um povo considerado estrangeiro. Todavia, em caso de revolta os astecas estavam sempre preparados:



Uma expedição militar se encarregava imediatamente de restaurar a ordem e punir os revoltados. Cada vez mais, o cidadão mexicano deixava de ser caponês-soldado para tornar-se um militar profissional, sempre em campanha. [...]. Assim, o mexicano, já guerreiro por temperamento e tradição, raramente depunha as armas (p. 21).

A presença espanhola na região da Mesoamérica causou o desmoronamento de toda uma sociedade sustentada sob o olhar e a presença belicosa dos Astecas. Adaptados a realidade imposta pela natureza desenvolveram um modo típico de vivência com povos e espaço. A constância e as circunstâncias das guerras aparecem como necessidade de manutenção da posição de liderança local e não apenas como expansão territorial. Pelas constantes conquistas o território obrigatoriamente foi expandindo, obrigando o deslocamento de forças militares e montagem de pontos de observação e combate distantes da sede do império. Esses postos serviam também para o “império” dá um retorno claro aos povos tributários uma vez que há uma espécie de socorro mútuo em caso de conflitos e nas constantes calamidades naturais.

Soustelle apresenta, enfim, o orgulho que os ameríndios sentem de seu passado pré-colombiano, afirmando ser os Astecas uma das civilizações mais surpreendentes que já existiu na face da terra, pois teceram uma idéia de império baseado na força militar e na promessa de um Deus, venceram as intempéries naturais e conquistaram o respeito e admiração (ainda que de forma duvidosa) do Asteca, ressaltando o princípio de dualidade existente nessa sociedade. Os Astecas eram considerados “o povo do sol”, pois personificavam o sol, vendo-o como o deus do alto sacrifício. Guiavam suas ações pelos astros, uma vez que acreditavam em destino e na influência direta dos signos na vida das pessoas, por outro lado, viam as práticas e as artes como verdadeiros cenários da vida dos mexicas. O mundo Asteca despido sem as sombras do martírio infligido aos homens, mulheres e crianças sacrificadas, mas um mundo simbólico e perfeitamente associado ao caos e os períodos de harmonia, dois dos elementos mais caros a esta sociedade. Perturbados com a presença de estranhos visitantes e a



permanência de um caos continuado, fizeram as brumas do desespero tomar conta de uma civilização que compreendia o mundo sob o viés da busca pela melhor forma de agradar seus antepassados e seus Deuses.

### Tenochtitlán – a Jovem Capital

Na primeira parte da obra evidenciam-se aspectos sobre Tenochtitlán, origem, modos de produção, economia, organização social e modos de vida. Os Astecas, também conhecidos por mexicas, controlavam uma grandiosa civilização que iniciou às margens do lago Texcoco em uma região pantanosa.

É um verdadeiro milagre de engenhosidade, da obstinação daqueles homens, que uma grande cidade tenha podido surgir e crescer em tais condições, graças ao esforço de um povo sem terra. O orgulho que eles mostraram mais tarde não era injustificado (Soustelle, 1990: 29).

O caos aparece como fator determinante para o entendimento do mundo vivenciado cotidianamente pelos astecas. A busca constante pela estabilidade do mundo acabava por forçar a constantes sacrifícios ritualísticos ou mesmo do corpo individualmente ou coletivamente. Nesse sentido, a ação de sacrificar não pode ser tomada como ato de barbárie ou ser tomada de forma análoga aos castigos e/ou punições impetrados contra os condenados por bruxaria na Europa. Os sacrifícios humanos ou animais tinham a função de ordenar o mundo visível. Contatar os Deuses e aplacar sua constante ira contra os Astecas.



O centro dessa civilização era a cidade denominada de “Tenochtitlán” - significando “cidade dos mexicas”. Esta era uma cidade de praças, canais, palácios e templos de tal grandeza que deixaram boquiaberto os conquistadores espanhóis. O autor observa: “[...] estavam todos de acordo em expressar sua admiração diante do esplendor da cidade”..., esta frase representa o espanto dos conquistadores diante dos povos conquistados, da magnitude da civilização até então construída, nos fazendo perceber que traziam em seu imaginário conceitos pré-estabelecidos e juízos de valor em relação os povos ameríndios. A admiração, portanto, está baseada na certeza de não haver quaisquer elementos que pudessem denotar um padrão mínimo de analogia com o mundo europeu. Uma estranha forma de espanto diante do inimaginável mundo que se desenha, em muitos aspectos, mais esplendoroso que o mundo europeu.

No ponto de vista econômico, a civilização Asteca se baseava na agricultura e no comércio - entendimento dado pelos espanhóis, pois o sentido do comércio, enquanto produtor de ganho e capital, ainda não estava presente entre os Astecas no período inicial da conquista. Todavia, era nítida a relação estreita entre agricultura e as cidades.

Em sua sociedade possuíam uma hierarquização com o monarca semidivino no topo, seguido pelos nobres, altos sacerdotes, homens comuns, servos, escravos e, por último, os prisioneiros de guerra. Interessa ressaltar a dignidade que cerca a nobreza e suas responsabilidades com a sociedade são de suma importância para manter a serenidade de toda a coletividade. São nobres, mas também são os guardiões da boa moral Asteca. Quanto mais prestígio mais responsabilidades recaem sob essa nobreza.

Soustelle mostra que a cidade de Tenochtitlán era o centro irradiador de todo o sentimento de grandeza de Estado e da religião do povo Asteca. Nela podia ser visualizada a magnitude de um grandioso império bastante intrínseco na vida dos cidadãos Astecas. Estes construíram grandes templos



religiosos, palácios monumentais, praças suntuosas que eram palco de um enorme comércio organizado e dinâmico.

O modo de produção operante na cidade Asteca era tributário. O Estado, detentor do domínio dos meios de produção, tinha um funcionário em cada província – o calpixqui – encarregado exclusivamente de receber os impostos. Nesse caso não havia uma verdadeira centralização política, mas uma frágil Confederação de cidades-estados. O império era um mosaico de pequenas cidades. Todavia, funcionavam sob o olhar atendo de uma “burocracia governamental” capaz de dar conta de um grão que escapa do depósito do plantador. Caracterizando uma intrigante rede de conhecimentos matemáticos e complexo sistema de coleta, armazenamento e conseqüentemente distribuição de comida aos necessitados. Essa ajuda do centro do império ocorria principalmente nos períodos de longa estiagem.

Com relação à religião, os Astecas possuíam uma religião bastante eclética do ponto de vista contemporâneo. Isso os levava, com efeito, a reunir junto de seu Deus Nacional o maior número possível de divindades originárias de todas as partes do império. Um outro ponto relevante para a discussão é que os problemas mais frequentes dos Astecas era a aglomeração vasta, grande povoamento e o problema da água. Os Astecas vivenciavam constantes secas ou inundações, caracterizando o espaço caótico no qual estavam instalados desde tempo imemoriais. Todavia, essa luta constante com o espaço e com a presença/ausência da água contribuiu bastante para o aperfeiçoamento de construções hidráulicas. Conhecimento adquirido dos povos que foram subjugados em períodos anteriores ao processo de conquista pelos europeus.

Mas o que era exatamente Tenochtitlán? Relatos confirmam seu status de grande centro irradiador. Outros afirmam que sua aparência externa era de uma capital de império, embora do ponto de vista social e governamental, era uma sociedade tribal de índios americanos. Entretanto,



o que importa é saber que México era uma jovem capital de uma sociedade em plena mutação. Não devendo esquecer que essa cidade foi destruída por forasteiros antes mesmo de ter alcançado seu segundo centenário de existência.

### As Simbologias – do nascimento à morte

Na segunda parte da obra Soustelle, aborda as simbologias do mundo Asteca, ressaltando o princípio de dualidade existente nessa sociedade. Os Astecas eram considerados “o povo do sol”, pois personificavam o sol, vendo-o como o deus do alto sacrifício. Guiavam suas ações pelos astros, uma vez que acreditavam em destino e na influência direta dos signos na vida das pessoas, por outro lado, viam a realidade como mutável, o mundo como instável e ameaçado e o futuro incerto. Viam o céu e a terra, a morte e o além, o bem e o mal, como parte de uma mesma realidade, nos mostrando mais uma vez a presença da dualidade existente no mundo Asteca. Sendo que esse tal princípio influencia também na religião, pois sua religião era formada pela dualidade entre o sol – terra (pai e mãe), mas havia também pequenas divindades de bairro e corporações, além das crenças serem de formas bem diferentes entre as classes sociais e povos distintos. Deve-se salientar que, a nobreza é muito respeitada devido o alto grau de responsabilidade em manter o equilíbrio da sociedade (moral, econômico, social e simbólico). Os nobres sempre estavam sujeitos as maiores punições, porque exerciam altos cargos e era necessário dar o exemplo. Toda simbologia está revestida de uma moral que ultrapassa os limites de uma realidade da maioria da sociedade:

A roupa e o calçado dos antigos mexicanos eram relativamente simples, entretanto, nada pode dar uma



idéia da farta variedade, da riqueza barroca de suas jóias e adornos de cabeça. As mulheres exibiam brincos, colares e pulseiras nos braços e tornozelos. Os homens usavam os mesmos adornos, mas, além disso, furavam o nariz para inserir jóias de pedra ou metal... [...]. Tudo nesse aparato de insígnias e de luxo era rigorosamente pautado conforme a hierarquia social (p. 159-159).

O mundo simbólico dos Astecas vai acompanhar o homem desde sua concepção até a sua morte. Nesse sentido, desde quando a criança nascia na sociedade Asteca, já estava envolta por uma grande teia mística, participando de cerimônias e rituais de inserção na sociedade. Já nasciam dentro de um círculo hierarquicamente definido: “Assim, desde o primeiro instante, o homem estava destinado ao fado de um guerreiro; a mulher, ao de uma cinderela sentada ao lar” ( p.191).

O batismo da criança era realizado pela própria parteira até quatro dias após o nascimento, visto que antes o tonalamalt um adivinho iria dizer qual signo pertencia a criança e qual série de treze dias, não sendo favorável, procurava-se outro signo dentro da mesma série que trouxesse sorte ao recém-nascido.

De acordo com Soustelle, o ritual se dava da seguinte forma:

Depois de quatro ritos de água, quatro vezes a parteira apresentava a criança ao céu, invocando o sol e as divindades astrais. Assim, o número sagrado regia os gestos tradicionais. A última fórmula também invocava a terra, esposa divina do sol. E, agarrando o escudo e as flechas, a oficiante implorava aos deuses para que o menino se tornasse um guerreiro corajoso, [...] A cerimônia de batismo das meninas era semelhante à do menino, mas não se apresentava a criança ao sol, deus dos homens e dos guerreiros; [...] Terminados os ritos, escolhia-se e anunciava-se o nome da criança. (p. 194).



As crianças e os adolescentes mexicanos cresciam sob uma educação rígida, nas famílias mais humildes entre 3 e 15 anos a educação dos meninos era conferida ao pai e a das meninas à mãe, isto porque nas famílias magistradas e funcionários importantes não se tinha tempo para a educação dos filhos que desde cedo eram colocados em colégios. A partir de 15 anos os jovens podiam entrar para o colégio de guerreiros ou o templo dos sacerdotes, onde o primeiro não era tão rigoroso quanto o colégio religioso formando apenas cidadãos médios, porém com muito mais liberdade, já que o templo dos sacerdotes submetia os alunos a severos desafios e a abnegações formando-os para o sacerdócio ou para altas funções do Estado:

“Como quer que seja, a educação desempenhava seu papel. Ela preparava chefes, sacerdotes, guerreiros e mulheres que conheciam as tarefas futuras. A instrução intelectual propriamente dita só tinha um papel importante no calmecac, onde se ensinava tudo o que dizia respeito à ciência do tempo e do país: leitura e escrita dos caracteres pictográficos, adivinhações, cronologia, poesia, retórica” (p. 199).

Em relação ao casamento e a vida familiar, os mexicanos a partir dos 20 anos de idade podiam se casar, mas antes tinham que se desvencilhar dos grilhões que os atavam ao seu estado de solteiros, o colégio de guerreiros e o templo dos sacerdotes, tendo que obter autorização de seus mestres, sendo que a família dava um grande banquete aos mestres para pedir e obter esta autorização. Tudo estava previsto, banquete, pedido e resposta, no entanto, o formalismo e o gosto das cerimônias do povo Asteca, mais uma vez se manifesta nesta ocasião.

Até mesmo na união conjugal tinham de ser consultados os adivinhos para saber através da data de nascimento dos noivos como ia ser seu futuro e também escolher um data favorável segundo os signos para o casamento,



mais uma vez vemos a influência mística da astrologia nessa sociedade. Seguindo-se uma bela e longa celebração perdurando 5 dias, nas famílias mais abastadas haviam ornamentos e luxo nos grandes banquetes e presentes do que os plebeus, mas ambos seguiam o mesmo ritual.

Entre os astecas era adotado o sistema de monogamia aliado a poligamia, uma esposa legítima e inúmeras concubinas, entretanto, a poligamia estava limitada às classes mais altas e os dignitários. O sustento dos membros “legítimos” ou não estava a cargo do chefe da família e a desonra era natural caso não conseguisse manter a todos. Nessa dinâmica de famílias tão numerosas os conflitos eram evidentes e a luta pela herança do pai era constante. E, a legitimidade da esposa não era garantia de legitimidade ou mesmo privilégio de seus filhos.

A sociedade mexicana era patriarcal, porém “... no âmbito de uma sociedade dominada pelo homem, ela (mulher) não era, sem embargo, tão apagada quanto se poderia crer a primeira vista” (p. 210) e ao que “... parece inclusive que uma mulher, Ilancuilil, se acha na origem do poder monárquico no México” (p. 210).

Assim, em relação ao ritual de casamento, descreve Soustelle:

O rito do casamento era celebrado perto do fogão. Sentados um ao lado do outro em duas esteiras, os noivos inicialmente recebiam presentes. A mãe da moça oferecia ao futuro genro roupas masculinas; a mãe do rapaz oferecia à noiva uma bata e uma saia. Depois, os cihuatlanque amarravam um ao outro o manto do rapaz e a saia da moça: eles estavam casados, e o primeiro gesto era dividir um prato de tomales, de modo que um oferecia ao outro os pãezinhos de milho com suas própria nte de uma cultura superior. (p. 247).



No entanto, essa noção de uma cultura superior implicava, ao mesmo tempo, certos conhecimentos e a prática de algumas artes, um modo de vida estabelecido e um comportamento adequado a determinadas regras. O homem, individualmente, representa um exemplo para toda a coletividade. Seus erros são punidos com rigor e sua generosidade e demais perfeições de sua vida devem ser seguidas. Aos nobres recaem ainda mais o peso de se manterem puros e íntegros diante da comunidade.

Nesse sentido, para os Astecas, segundo Soustelle:

Um homem civilizado é, antes de mais nada, aquele que sabe se controlar , que não extravasa seus sentimentos - salvo quando é conveniente fazê-lo, e de acordo com padrões admitidos - , que observa em todas as circunstâncias uma atitude digna, uma postura correta e reservada. (p. 248).

O objetivo do homem civilizado vai de encontro ao espírito de homem aventureiro, isto é, aquele que está pronto para tudo. Por outro lado, a vida civilizada, que é, por excelência, a das classes superiores, situa-se em um cenário a que as artes dão uma qualidade, uma sofisticação, que visa trazer de volta a antiga idade de ouro tolteca. A arte para o povo Asteca, tinha um sentido bem mais profundo, tendo, portanto, grande significado; não viam apenas a “arte pela arte”, mas davam a esta, um outro sentido, que era tradicionalmente apreciada. Assim, a pintura, a escultura, a arte de mosaico entre outras, buscavam retratar as crenças, os costumes e as tendências da época, para assinalar os graus de hierarquia social existente na sociedade Asteca.

Pode-se destacar ainda que, os edifícios eram povoados de estátuas e decorados, muito luxuosos, sendo uma grande proporção deles relacionados



a temas religiosos; os Astecas também mantinrriam com alguma gloria, ou então iam para o vale subterrâneo, vagar até encontrar o descanso eterno.

Deve-se salientar que para o povo Asteca a morte e a vida fazem parte de uma mesma realidade, ressaltando a presença marcante do principio de dualidade existente nessa sociedade. Assim, desde as épocas mais remotas, os ceramistas de Tlatilco modelavam um rosto duplo, metade vivo e a outra metade esquelético, e esse dualismo se encontra em inúmeros documentos. Para eles a vida decorria da morte e, mesmo depois de morto a pessoa passava por muitos sofrimentos e dificuldades até chegar a seu derradeiro repouso.

Acompanhado por um cachorro “psicopompo” que era incinerado com ele, devia errar durante quatro anos no mundo subterrâneo, sofrer os assaltos de um vento furioso e glacial, o “vento olsidiana”, escapar de monstros devoradores e, por fim, atravessar os Nove Rios, além dos quais se abria o inferno. Lá, apagando-se por assim dizer no nada, desaparecer totalmente e para sempre. (p. 129).

A morte não era suficiente para acabar com os sacrifícios vividos durante a fase terrena. Surpreende, todavia a ansiedade de ora viver perigosamente nas batalhas e apressar a chegada da morte e ora reverenciar, através de oferendas e sacrifícios, os Deuses aplacando suas fúrias. Dessa forma solicitavam mais tempo vivos, protelando o encontro com a morte.

Barbárie e Civilização



O império Asteca era realmente esplendoroso, suas ruas largas e retas, com canais paralelos por onde deslizavam barcos, com o archeduto que levava água doce à cidade de cerca de 600 mil habitantes, com seus jardins suspensos e grandes templos. Havia entre os conquistadores soldados que tinham estado em várias partes do mundo, como Constantinopla e Roma e ressaltaram que nunca tinham visto um mercado tão bem organizado, tão grande e tão cheio de gente. E a maioria dos mexicanos tinha forte consciência do valor de sua cultura, colocando-se muitas vezes, sua superioridade sobre a dos demais povos índios.

Entretanto, Soustelle ressalta que: “Eles não acreditavam ser os únicos depositários dela e estimavam justamente que certas tribos os igualassem, notadamente as da costa do golfo. Outras, ao contrário, passavam por atrasadas e bárbaras aos seus olhos.” ( p. 243).

Por outro lado, não hesitavam em verem-se como antigos bárbaros, que herdaram de ancestrais nômades qualidades guerreiras e de ancestrais sedentários a grande civilização de que se orgulhavam. Nesse sentido, pode-se dizer que os pólos - bárbaro e civilizado - estão bastantes presentes no mundo Asteca.

Tais pólos são representados segundo Soustelle:

[...] por duas noções histórico-míticas: os Chichimecas e os Toltecas. Os Chichimecas são os nômades caçadores e guerreiros das planícies e das montanhas do Norte. No passado do mito, eles viviam apenas da carne dos animais selvagens, “que comiam crua, porque ainda não conheciam o fogo ... [Eles se vestiam com peles de animais e ] não sabiam construir casas, por isso viviam em cavernas que encontravam prontas [sic], ou faziam algumas pequenas casas de ramos de árvores e cobriam-nas de ervas. (p. 244).



Deve-se salientar que, esse quadro da vida dos bárbaros não é relevante somente pelas informações, sem dúvidas exatas, que contém sobre o hábitat, o vestuário ou alimentação dos “selvagens”, mas também pelo que reflete da mentalidade dos índios urbanos e sedentários, aos olhos destes, o bárbaro é um “homem da natureza”, é mais ágil e robusto, e conseqüentemente, mais sadio que o cidadão:

“Os astecas sabiam que eles próprios haviam vivido daquela maneira, quatro ou cinco séculos antes. Naquela época longínqua, eles se chamavam ‘bárbaros de Aztlán’, ‘chichimeca azteca’, e levavam essa existência primitiva havia muito tempo”. [...] Eram, pois, verdadeiros nômades caçadores e coletores, como permaneceriam, até a época bem posterior à conquista espanhola, os índios do norte do México. ( p. 245).

Assim, ficava claro para os Astecas e seus vizinhos, que estavam inseridos em duas linhagens: de um lado, a dos bárbaros, do qual cultivavam as virtudes guerreiras; de outro, a dos civilizados, dos toltecas, representados pelo deus – herói Quetzalcoatl, criador das artes e dos conhecimentos e protetor do saber.

O México antigo nos oferece, pois, um caso bastante nítido de comunidade cultural superposta à divisão política, comunidade autêntica, que assumia a forma tradicional do mito tolteca. [...] O índio de Tenochtitlán ou de Texcoco, de vexotla ou de Cuauhtitlán, não se definia apenas como membro de uma tribo, cidadão de uma cidade, mas como um homem civilizado participante de uma cultura superior. (p. 247).

No entanto, dos palácios tenham sido destruídos ao mesmo tempo em que as paredes ruíam sob o canhão ou a picareta, a pintura mexicana



permanece sob a forma dos manuscritos iluminados que chegaram até nós. É uma arte intermediária entre a escrita e a miniatura, com delicados glifos minuciosamente pintados e a figuração de cenas históricas ou míticas. ( p. 256).

Um ponto relevante também para a discussão, é que os escribas-pintores eram cercados de grande consideração e respeito, quer se trabalhasse para os templos, para a justiça ou para a administração, uma vez que os antigos mexicanos gostavam muito de seus livros, tinham certo gosto pela leitura. Porém grande parte de sua cultura foi devastada, aniquilada literalmente falando, quando Zumárraga jogou na fogueira milhares de manuscritos preciosos, tudo devido seu fanatismo, prepotência e intolerância.

O cenário da vida era, sobretudo, aquele em que as artes “pequenas” produziam para embelezar os grandes objetos, raros ou cotidianos, com uma felicidade plena, já que desde um simples prato a mais bela e refinada jóia de ouro, nada era vulgar ou se colocava em sentido denotativo, mas se dava de forma superior, que trazia consigo todo o esplendor da arte Asteca, nada denotava pressa ou uma simples busca do efeito ou ainda de lucro; mas se revelava o sentido real de se fazer aquilo, de se fazer arte. Diante disso, os conquistadores espanhóis: “...maravilharam-se sobretudo com as extraordinárias criações dos artesãos de luxo de Tenochtitlán, ouvires, lapidários e plumistas.” (p. 256).

Os mexicanos tinham orgulho de sua língua, sendo esta tida como a língua materna, a de Texcoco e, como a mais refinada e mais nobre. Para alguns, é uma das línguas mais ampla e rica que poderia eham a presença forte dos deuses em suas vidas, assim, a decoração dos edifícios, templos e outras construções, vinha sempre mostrando um caráter religioso, ressaltando a importância do culto aos deuses no universo dos Astecas. No entanto, a escultura profana também existia, se fazia presente ao lado da



sagrada, não estava ausente, representa um estilo vigoroso, ora a fisionomia de um homem do povo, ora reproduz o aspecto familiar dos animais ou das plantas da região em que viviam. Tudo representado com grandeza, lembrando muitas vezes as façanhas dos soberanos ou relatando acontecimentos históricos dos Astecas.

Os mexicas tomavam as artes como cenário da vida, exaltando sua beleza e esplendor em seu cotidiano. Diante disso:

Os imperadores gostavam de deixar gravada sua imagem em ouro ou pedra. Uma das raras estatuetas de ouro que escaparam dos cadinhos espanhóis representa Tizoc. Catorze escultores tallaram a estátua de Motecuhzoma II em Chapultec e receberam em recompensa enormes quantidades de tecidos, cacau e víveres, mais dois escravos para cada um. (p. 256).

Havia também na cidade do México, inúmeros monumentos que eram decorados com afrescos, que se fazia tradição em algumas partes do México. A pintura mural Asteca sumiu juntamente com os edifícios de Tenochtitlán, porém existem certos vestígios em alguns lugares da região.

Para tanto, Soustelle ressalta:

Não obstante, embora os afrescos que ornavam as paredes dos templos e dos palácios tenham sido destruídos ao mesmo tempo em que as paredes ruíam sob o canhão ou a picareta, a pintura mexicana permanece sob a forma dos manuscritos iluminados que chegaram até nós. É uma arte intermediária entre a escrita e a miniatura, com delicados glifos minuciosamente pintados e a figuração de cenas históricas ou míticas. ( p. 256).



Um ponto relevante também para a discussão, é que os escribas-pintores eram cercados de grande consideração e respeito, quer se trabalhasse para os templos, para a justiça ou para a administração, uma vez que os antigos mexicanos gostavam muito de seus livros, tinham certo gosto pela leitura. Porém grande parte de sua cultura foi devastada, aniquilada literalmente falando, quando Zumárraga jogou na fogueira milhares de manuscritos preciosos, tudo devido seu fanatismo, prepotência e intolerância.

O cenário da vida era, sobretudo, aquele em que as artes “pequenas” produziam para embelezar os grandes objetos, raros ou cotidianos, com uma felicidade plena, já que desde um simples prato a mais bela e refinada jóia de ouro, nada era vulgar ou se colocava em sentido denotativo, mas se dava de forma superior, que trazia consigo todo o esplendor da arte Asteca, nada denotava pressa ou uma simples busca do efeito ou ainda de lucro; mas se revelava o sentido real de se fazer aquilo, de se fazer arte. Diante disso, os conquistadores espanhóis: “...maravilharam-se sobretudo com as extraordinárias criações dos artesãos de luxo de Tenochtitlán, ouvires, lapidários e plumistas.” (p. 256).

Os mexicanos tinham orgulho de sua língua, sendo esta tida como a língua materna, a de Texcoco e, como a mais refinada e mais nobre. Para alguns, é uma das línguas mais ampla e rica que poderia encontrar, por sua delicadeza e grandeza:

“... o nahuatl possui todas as qualidades necessárias a uma língua civilizada. De pronúncia fácil, é harmonioso e claro. Seu vocabulário é riquíssimo, e os procedimentos de composição que lhes são próprios possibilitam criar todas as palavras indispensáveis, notadamente no domínio da abstração. Ele se presta de maneira admirável à tradução de todas as nuances do pensamento e de todas as facetas do concreto. [...] Era uma matéria-prima de primeira para a literatura”.

De acordo com Soustelle o sistema e a complexidade quase ausente na escrita asteca no período da conquista espanhola estavam baseados em uma “mescla entre o ideograma, o fonetismo e simples figuração ou pictografia” (p.259).

O mundo Asteca também era marcado pela música, dança e poesia; os cantos religiosos, eram transmitidos por tradição desde um passado bem remoto, entretanto, muitas vezes se apresentavam como sendo



complicados e obscuros, sendo visto por vários astecas como totalmente incompreensíveis. Sendo mais bem interpretado, apenas por aqueles que eram sacerdotes. O estilo de seus cantos era carregado de metáforas, dificultando ainda mais o entendimento entre o povo Asteca.

Nasceu o deus do milho

No jardim de chuva e de bruma,

Onde são criados os filhos dos homens,

Onde são pescados peixes de jade.

Entretanto, salientamos que havia também dentro da cultura Asteca outros hinos de mais fácil compreensão, que eram também bastante difundidos. Nesse sentido, percebe-se a grandiosidade do povo Asteca e de sua cultura, marcada por rituais que mantêm a população em um ordenamento social e respeitoso de toda a construção de sua sociedade. A permanência sob proteção do império as garantias contra as incertezas do mundo natural eram, permanentemente, reafirmadas pela disposição de cada indivíduo em manter os sacrifícios por toda sua vida.

Conclusão:

Em vista do que foi apresentado, podemos dizer que, a sociedade Asteca foi de grande esplendor na região denominada mesoamérica, sendo construída a partir de rituais e simbologias que deixaram os conquistadores espanhóis boquiabertos, diante da sociedade altamente sofisticada que foi encontrada.

Podemos dizer ainda, que Soustelle trabalha muito bem isso em seu livro “Os Astecas na véspera da conquista espanhola”, ressaltando que os Astecas desenvolveram uma sociedade plural, formada pela soma e convivência de sistemas religiosos, políticos e culturais, traduzidos nas mais diversas cerimônias ritualísticas, que retratavam a identidade de um povo. Entretanto, a destruição causada pelos espanhóis, de tais sistemas entre os povos do império, causou o desmoronamento de toda a sociedade por eles sustentada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL  
VALE DO ACARAÚ  
Centro de Ciências Humanas

Revista Homem, Espaço e Tempo

Março/2010

ISSN 1982-3800

## Referência Bibliográfica

SOUSTELLE, Jacques. Os Astecas na véspera da conquista espanhola. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.